

**ENTRE-LUGARES
EM TRADUÇÃO**

Conselho Editorial

Alastair Pennycook
Allen Quesada
Ana Nery Damasceno Noronha
Ana Sousa
Antonieta Heyden Megale
Aparecida de Jesus Ferreira
Beatriz Gama Rodrigues
Carmen Jená Machado Caetano
Cátia Regina Braga Martins
Daniel Silva
Dllobia Santclair
Elaine Fernandes Mateus
Elkerlane Martins de Araújo
Fernanda Coelho Liberali
Joaquim Dolz
Kleber Aparecido da Silva
Lauro Sérgio Machado Pereira
Li Wei
Lynn Mário Menezes de Sousa
Gabriela A. Veronelli
Gisvaldo Araújo Silva
Manuela Guilherme
Reinildes Dias
Ofélia Garcia
Oseas Bezerra Viana Jr.
Paula Maria Cobucci Ribeiro Dias
Paulo Massaro
Renato Cabral Rezende
Rodriana Costa
Rosana Helena Nunes
Rosane Pessoa
Ryuko Kubota
Sávio Siqueira
Sweder Sousa
Tatiana Dias
Veruska Machado
Vilson Leffa
Viviane Resende

Pareceristas/Revisores desta obra

Álvaro Silveira Faleiros
Ana Magda Stradioto-Casolato
Caroline Pessoa Micaelia
Ciro Lubliner
Genival Teixeira Vasconcelos Filho
Henrique Provinzano Amaral
Thiago Mattos
Wellington Júnio Costa

Álvaro Silveira Faleiros
Ciro Lubliner
Thiago Mattos
(organização)

**ENTRE-LUGARES
EM TRADUÇÃO**

MERCADO[®]
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Entre-lugares em tradução / organização Álvaro Silveira
Faleiros, Ciro Lubliner, Thiago Mattos. – 1. ed. – Campinas,
SP : Mercado de Letras, 2023.

Vários autores.
ISBN 978-85-7591-760-2

1. Crítica literária 2. Ensaios 3. Tradução e interpretação
I. Faleiros, Álvaro Silveira . II. Lubliner, Ciro. III. Mattos, Thiago.

23-175964

CDD-807

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensaios : Estudos literários 807

capa: Studio Rotta Design Gráfico
gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final: dos autores
bibliotecária: Tábata Alves da Silva – CRB-8/9253

Os textos desta coletânea foram avaliados e revistos pelos
professores Pedro Cesarino (USP), Maurício Santana Dias
(USP), Maria Sílvia Martins (UFSCAR) e Leila Darin (PUC-SP),
em abril de 2022, no quadro do colóquio “Tradução: Entre”,
realizado na Casa Guilherme de Almeida.

**O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento
de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001
para sua versão em ebook**

**apoio
Programa de Pós-Graduação em
Letras Estrangeiras em Tradução – LETRA/USP**

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 3

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 7

PARTE I: A TRADUÇÃO E OS ENTRE-LUGARES DO PENSAMENTO

ENTRE-LUGARES E TRANSVERSALIDADES:
POR UMA LEITURA DE *TRANSMAKUNAIMA*
DE JAIDER ESBELL 17

Álvaro Silveira Faleiros

TUDO (SE) TRADUZ OU
O TRANSITAR DA TRADUÇÃO 49

Ciro Lubliner

ÉCART E *ENTRE*: PENSANDO A TRADUÇÃO
COM FRANÇOIS JULLIEN 77

Ana Magda Stradioto-Casolato

O ENTRE-LUGAR DA TRADUÇÃO CULTURAL,
OU O SER E NÃO SER DA ANTROPOFAGIA. 111

Edgar Rosa Vieira Filho

DO ENTRE-LUGAR À TRADUÇÃO COMO
LUGAR INCONTORNÁVEL: REFLEXÕES
A PARTIR DE ÉDOUARD GLISSANT 125

Henrique Provinzano Amaral

PARTE II: A TRADUÇÃO ENTRE OUTROS E OUTRAS

TRADUZIR ENTRELINHAS ENTRE CORPOS 147

Wellington Júnio Costa

ENTRE POESIA E PINTURA: REFRAÇÕES EM SAINT-DENYS GARNEAU.	169
<i>Genival Teixeira Vasconcelos Filho</i>	
ENTRE O FÍSICO E O METAFÍSICO EM <i>LES AVEUGLES</i> , DE MAURICE MAETERLINCK	199
<i>Lisa Paula Generoso</i>	
ESPAÇOS FRONTEIRIÇOS:	223
A OUTRA NA TRADUÇÃO	
<i>Carolina Guimarães</i>	
ENTRE TRADUÇÃO E 'NÃO-TRADUÇÃO': QUATRO LEITORAS DE JACQUES BRAULT	243
<i>Débora Toledo de Castro</i>	
SOBRE OS AUTORES E OS ORGANIZADORES	269

APRESENTAÇÃO

O grupo de pesquisa *Tradução em Relação* nasceu em 2018, reunindo inicialmente orientandos do Prof. Álvaro Silveira Faleiros (USP). Em seguida, juntaram-se ao grupo outros membros, sendo hoje formado por pesquisadores (iniciação científica, mestrado, doutorado, pós-doutorado) e docentes de diferentes instituições, como USP, UFJF e UFS.

Em 2019, organizamos a conferência “Tradução e o (ter) lugar da relação”, proferida na USP pelo Prof. Maurício Mendonça Cardozo (UFPR), como encerramento de uma sequência de leituras e discussões internas empreendidas pelo grupo sobre os elos entre tradução e relação, ou sobre a tradução em relação com outras áreas do conhecimento. Motivados pelas conversas em curso, organizamos, ainda em 2019, a primeira “Jornada do Grupo de Estudos Tradução em Relação”, reunindo os membros do grupo em diálogo com debatedores convidados. O evento deu origem ao livro *Tradução em relação: espaços de transformação*, publicado em 2021 pela editora Mercado de Letras, com financiamento do Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução (FFLCH-USP).

O longo e persistente período pandêmico foi dedicado a uma nova rodada de leituras e discussões internas (à distância), voltadas agora para o entre-lugar, o entremeio, o entre da relação tradutória: diferentes entre-espacos e entre-forças que atravessam a tradução e que ela, à sua maneira, acolhe e transforma. Retomado o convívio presencial nas instituições culturais e de ensino, o grupo organizou, em abril de 2022, o colóquio “Tradução: Entre”, realizado na Casa Guilherme de Almeida. Além das comunicações dos pesquisadores do grupo, o evento contou com falas da Profa. Leila Darín (PUC-SP), cujo ensaio “A tradução cultural como metáfora” (publicado na Revista Intercâmbio, em 2020) havia embasado reuniões internas

do grupo, e da Profa. Maria Silvia Cintra Martins (UFSCar), pesquisadora e tradutora da obra de Meschonnic, referencial teórico que revisitamos regularmente. O presente livro é, pois, resultado desse processo de pesquisa, debate e intercâmbio entre professores, pesquisadores de pós-doutorado, doutorandos e mestrandos de diferentes instituições brasileiras.

As contribuições dos membros que participaram diretamente do colóquio foram compiladas em dois grandes blocos. Na primeira parte, intitulada “A tradução e os entre-lugares do pensamento”, como o título já indica, reúne textos mais voltados a discussões teóricas a respeito do entre-lugar da tradução e dos entre-lugares na tradução.

No primeiro deles, “Entre-lugares e transversalidades: por uma leitura de *Transmakunaima* de Jaider Esbell”, Álvaro Silveira Faleiros observa que, em março de 1971, Silviano Santiago publicou o hoje clássico ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”, originalmente escrito em francês. Inscrito no contexto das discussões sobre o lugar que ocupava à época o discurso literário latino-americano no confronto com o europeu, o ensaio define o que seria esse *entre* por meio de um diálogo com autores franceses, como Montaigne, Valéry, Barthes, Foucault, Althusser e Lévi-Strauss. Deste último é retomada a crônica do encontro entre indígenas e europeus ocorrida em Porto Rico, contada em *Tristes trópicos*. Esse mesmo evento é central na definição de “equivocação controlada” elaborada por Eduardo Viveiros de Castro, em 2004. Faleiros constata, por meio desse exemplo, compartilhado por Silviano Santiago e Viveiros de Castro, como a ideia de “entre-lugar” do crítico literário e sua relação com a tradução se perspectiva na noção de “equivocação” desenvolvida pelo antropólogo mais de quatro décadas depois. Essas reflexões cruzadas abrem caminhos para uma leitura de *TransMakunaima* de Jaider Esbell.

Em “Tudo (se) traduz ou O transitar da tradução”, Ciro Lubliner, constata que, de modo cada vez mais recorrente, o elastecimento dos usos da tradução tanto como ação de passagem

interlinguística, quanto como deflagração de processos fronteiriços – transdisciplinares e, portanto, relacionais – produz mecanismos de passagem e ressignificação nas mais diversas áreas do saber. Lubliner expõe inicialmente a expressão de uma confissão por parte do pesquisador diante do encantamento de um novo horizonte de investigação. Esse horizonte permite verificar de que maneira, de acordo com a trilha deixada por Félix Guattari e Gilles Deleuze, a tradução se apresenta como uma atividade criadora específica, que transita entre a ciência, a arte e a filosofia. No caso da ciência, percebe-se como a tradução produz uma epistemologia ao demandar do tradutor um ato de constante conhecer. Quanto à arte, a tradução encontra terreno bastante fértil na tradução de poesia, em que a noção de “transcrição” ou “recriação poética” dá contornos inventivos estéticos inegáveis ao ato tradutório. Já permeada pela filosofia, a tradução faz as vezes de uma compositora de simulacros, cópias imperfeitas, mas preenchidas pela reanimação de vidas que indicam um pensamento crítico-conceitual próprio. Finalmente, desenvolve-se um pouco mais o conceito da tradução como *transdução*, isto é, como a valorização da diferença em detrimento da busca por um mero espelhamento indutório ou dedutório de um modelo dito “original”.

Em “*Écart e entre: pensando a tradução com François Jullien*”, Ana Magda Stradioto-Casolato se interessa pelas reflexões do filósofo, helenista e sinólogo francês François Jullien. Como Stradioto-Casolato aponta, Jullien desenvolveu um método de visitar algumas das noções-chave do pensamento europeu-ocidental ao adotar outra perspectiva para sondá-las: a do pensamento chinês-oriental. Ele propõe uma forma de “*de- e re-categorização de um conceito*”, ou seja, sem ficar paralisado em nenhum desses dois pontos de vista, mas se libertando de um através do outro, permitindo assim que se interpretem. Desde esse exercício ele aborda a tradução e elabora sua reflexão sobre o tema valendo-se de certas proposições desenvolvidas e tratadas em várias de suas obras. Stradioto-Casolato propõe-se, pois, a reunir, compendiar e “traduzir” os componentes da tradução segundo François Jullien.

A sua reflexão faz estremecer alguns dos construtos de base do pensamento helenista que reverberam no que chama de “trabalho da tradução”. Ao confrontá-los com a filosofia chinesa, ele demonstra que há outras maneiras de conceber a existência, que colocam em xeque noções tidas como certas pelo Ocidente. Ele pensa a tradução em termos de *écart* e *entre*; sendo o *écart* o fenômeno responsável pela abertura de uma distância, criando um recuo que coloca e mantém o outro – a língua e culturas de partida – em relação, fazendo, dessa forma, surgir o *entre*.

“O entre-lugar da tradução cultural, ou o ser e não ser da antropofagia” é o título do ensaio de Edgar Rosa Vieira Filho. Nele, o autor observa que discussões recentes na área dos Estudos da Tradução têm considerado a metáfora da tradução cultural, depreendida tanto da Antropologia Social britânica como dos Estudos Culturais, um potente conceito para se pensar a tarefa do traduzir e o entre-lugar ético-linguístico-cultural ocupado por agentes tradutores. Igualmente potentes têm se mostrado releituras da metáfora canibal, principalmente aquelas que evidenciam sua abertura/desejo da alteridade. Nesse sentido, o presente ensaio tem como objetivo aproximar o conceito de Tradução Cultural, como compreendido pela Antropologia Social britânica e no seu uso metafórico no campo dos Estudos Culturais, principalmente pelas reflexões do crítico literário anglo-indiano Homi Bhabha, à noção de Perspectivismo Antropofágico associado à prática tradutória. Para tanto, Rosa busca apoio nas reflexões de Helena Martins e Álvaro Silveira Faleiros, que propõem uma leitura do ato tradutório na contraluz das proposições teóricas acerca do perspectivismo ameríndio em Eduardo Viveiros de Castro. Objetiva assim explorar a ideia da equivocação controlada, método antropológico de traduzir o outro, também elaborado por Viveiros de Castro.

Henrique Provinzano Amaral, em “Do entre-lugar à tradução como lugar incontornável: reflexões a partir de Édouard Glissant”, busca analisar a reflexão tradutória do escritor e pensador martinicano Édouard Glissant – isto é, os textos que o autor dedicou

explicitamente ao debate teórico sobre a tradução –, a partir dos paradigmas das ideias de *entre e lugar*. Para tanto, retoma aspectos do universo nocional glissantiano, em especial a noção de “lugar” (“*lieu*”) em sua obra, a qual compõe o que se poderia chamar de um saber não declarativo sobre a tradução, já que permite pensar prolongamentos e extensões do que Glissant efetivamente escreveu teoricamente sobre o tema. Ademais, o ensaio também comenta alguns desdobramentos recentes das reflexões sobre os conceitos de lugar e de translação nos Estudos da Tradução, mediante a retomada de artigos de Álvaro Silveira Faleiros e Leila Darin, tendo como pano de fundo a obra de Antoine Berman. Pretende-se, com isso, enunciar a hipótese de que a reflexão tradutória glissantiana está atrelada ao estabelecimento e à defesa de um “lugar incontornável”, a partir do qual o tradutor realizaria sua tarefa, a saber, a translação das poéticas no contexto da totalidade-mundo.

Na segunda parte do livro, intitulada “A tradução entre outros e outras”, o entre-lugar abre espaço para a construção de outras imagens envolvendo tanto práticas de tradução próprias, quanto reflexões mais teóricas sobre práticas de outros.

Como comenta Wellington Júnio Costa em “Traduzir entrelinhas entre corpos”, o fazer tradutório não pode prescindir de uma ética do traduzir, em que a relação com o *Outro* importa; como não deve prescindir de uma *erótica do traduzir*, em que o prazer corporal importa. A tradução como um espaço de mediação entre línguas-culturas é também o espaço de interseção entre a ética e a *erótica*. É a partir desses conceitos invocados pelo entrecruzamento de corpos no processo tradutório – o corpo autor, o corpo tradutor, os corpos textuais e os corpos diegéticos –, que Costa propõe uma análise da tradução do francês ao português brasileiro da peça *A máquina infernal*, de Jean Cocteau (1934), realizada pelo poeta e tradutor Manuel Bandeira em 1967. Essa análise destaca uma fala da personagem “Esfinge”, que camufla (ou revela), nas entrelinhas, uma importante questão da poética coctaliana: como (e/ou onde) se dá a expressão do desejo dos corpos em trânsito e/ou em transição?

Conclui-se que em suas escolhas tradutórias Manuel Bandeira não levou em consideração essa questão de gênero.

Em “Entre poesia e pintura: refrações em Saint-Denys Garneau”, Genival Teixeira Vasconcelos Filho começa apresentando brevemente a vida e obra de Saint-Denys Garneau, poeta e pintor do Quebec, para, em seguida, indicar e analisar os caminhos decisórios para sua tradução do poema “*La voix des feuilles*”, acompanhada por uma pintura do artista canadense. É, principalmente, através do exame dos elementos que compõem a poesia e da investigação dos princípios que constituem a pintura de Garneau, que Vasconcelos Filho estabelece uma relação entre essas duas formas de expressão do poeta-pintor. Ao fim e ao cabo – considerando tanto o poema quanto a tela como objetos de análise – o pesquisador demonstra a multidimensionalidade do projeto estético de Garneau destacando as diferenças entre pintura e poesia, e o modo como ambas provocam e alimentam a criação.

“Entre o físico e o metafísico em *Les Aveugles*, de Maurice Maeterlinck” é o título da reflexão de Lisa Paula Generoso a respeito do poeta e dramaturgo belga Maurice Maeterlinck (1862-1949), autor que realiza as aspirações teatrais do movimento simbolista em suas oito peças escritas entre 1889 e 1894. Esses textos constituem o período conhecido como o “teatro do horror”. Nessas peças, também conhecidas em que se produz uma espécie de “antiteatro”, Maeterlinck contesta a ilusão teatral e a verossimilhança. Generoso fundamenta-se na descrição do físico e do metafísico e o “entre” desses dois universos numa dessas peças, notadamente em *Les Aveugles*, para refletir sobre os impasses que coloca sua tradução.

Carolina Guimarães, em “Espaços fronteiriços: a outra na tradução”. utiliza-se dos apontamentos de Gloria Anzaldúa em “*Borderlands/La Frontera*” (1987), sobretudo da ideia de fronteira (nacional, mas também geopolítica, geoeconômica, cultural, linguística, subjetiva), para conceituar um espaço fronteiriço, local caracterizado por um constante movimento, onde há uma tolerância da ambiguidade e da contradição. A teoria de Anzaldúa oferece a

Guimarães uma chave de interpretação a tal fenômeno relacional. A partir dessa observação, é feito um levantamento panorâmico de teorias sobre alteridade dentro dos estudos da tradução, a fim de compará-las com a teoria fronteiriça da autora *chicana*, que não fala especificamente de tradução. O movimento dialógico entre o pensamento de Anzaldúa e de teóricos da tradução como Berman, Venuti, Spivak e Sánchez revela a pertinência do conceito de espaço fronteiriço aplicado à tradução. Por meio deste, é proposto um esforço relacional consciente, por um lado, da violência da imposição de uma fronteira e, por outro, da potência multiplicadora da recusa dessa rigidez estabelecida pelo discurso de poder vigente.

Débora Toledo de Castro, em seu ensaio “Entre tradução e ‘nãotradução’: quatro leitoras de Jacques Brault”, se debruça sobre a obra *Poèmes des quatre côtes*, publicada em 1975 pelo poeta quebequense Jacques Brault. Nela, Brault reúne suas recriações de poemas originalmente escritos em inglês, pertencentes às obras de E. E. Cummings, Gwendolyn MacEwen, John Haines e Margaret Atwood. Os textos recriados não recebem, contudo, o título de traduções, mas de “nãotraduções” (“nontraductions”), neologismo que o autor explora nos cinco ensaios que também compõem a obra. Devido à complexidade do discurso poético de tais ensaios, e principalmente à ausência de referências claras aos textos originais, o livro abre espaço a diferentes interpretações, dentre as quais Castro destaca as de Simon, Jaka, Suchet e Stradioto-Casolato. A partir dessas reflexões, ao final, são traçadas hipóteses sobre a prática da “nontraduction”.

Enfim, esse conjunto de dez ensaios são contribuições bastante originais para os estudos da tradução ao mobilizar o importante conceito de entre-lugar e alguns de seus possíveis desdobramentos. O diálogo que assim se instaura, como esperamos demonstrar, permite explorar as relações entre diferentes campos do saber, entre diferentes cosmovisões, entre diferentes espaços geográficos... Fica ao leitor o convite, já impresso no nome do evento que deu origem a este livro — Tradução: entre.